

A verdade da metrópole inventada

Ele deixou de ser capital federal, mas ainda é capaz de atuar como centro de “brasilidade”, de como seria o país e a nossa “realidade”: em resumo, o Rio de Janeiro continua lindo e continua a moldar o nosso imaginário. Em especial, por causa das telenovelas e do mundo criado pela Globo, ao mesmo tempo um êmulo e uma ilusão do que seria o Rio real do Brasil real. O estudo de Muniz Sodré e Raquel Paiva (dupla que foi bem-sucedida no estudo do grotesco na nossa telinha) é leitura obrigatória para quem quer entender o poder da televisão, capaz de construir uma cidade de fantasia, sem contradições



Cidade dos artistas

Muniz Sodré
e Raquel Paiva
Editora Mauad
172 páginas / R\$ 34,80

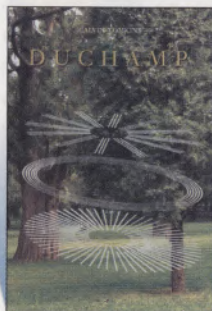
de classe, sem diferenças urbanísticas, onde toda uma comunidade é recriada de forma apaziguada e sem conflitos. A cidade vira, ao mesmo tempo, metáfora e cenário. Metáfora, já que a TV transforma o Rio em símbolo de Brasil, e cenário, já que todos os problemas reais apare-

cem resolvidos nos pequenos espaços e nas pequenas tramas que fazem o discurso noveleiro. “Os conflitos econômicos, se os há, são resolvidos na imaginária conciliação urbanística. A segregação espacial do Rio, a que a violência da delinquência parece dar uma resposta simbólica, não se faz presente no discurso televisivo”, observam os autores. A nova metrópole criada pelos autores de novela acaba, por ironia, em coincidir com o ideal moderno do “produto cultural à venda”. Fim de cena e de novela. Um estudo que se lê com prazer.

Editora Mauad (21) 2533-7422
www.mauad.com.br

Um maroto genial

Os seus muitos críticos adoravam dizer que ele fora responsável pelo surgimento do charlatanismo da arte moderna com seus *ready-made*, seu urinóis e rodas de bicicleta que, ao avisarem que tudo podia ser arte, contestavam a própria idéia de que ainda era possível fazer arte. Pintor mediano que odiava os chamados “pintores de retina”, com seus quadros bem executados, Marcel Duchamp preferiu chacoalhar o mundo artístico com suas idéias, mais do que com virtuosismo. Duchamp mostrou, nesse movimento, que o significado da arte não dependia apenas dos seus componentes específicos, mas também da sua utilização espe-



Duchamp: uma biografia

Calvin Tomkins
Editora Cosac Naify
588 páginas / R\$ 59,00

cial, do seu “mau uso” irônico ou até mesmo de sua completa inutilidade. Mesmo com toda essa carga polêmica, muitos especialistas não hesitam em afirmar que, se a primeira parte da história da arte do século 20 pertence a Picasso, a segunda parte, sem dúvida, é um patrimônio do irreve-

rente Duchamp. A biografia de Tomkins é um clássico e chega ao Brasil numa edição caprichada, com projeto editorial e capa de Waltercio Caldas. O livro inicia-se, de forma genial, com uma longa análise de *O grande vidro*, a obra mais famosa de Duchamp, motivo para o biógrafo desvendar para o leitor toda a galáxia de idéias contida nos painéis com formas enigmáticas. Pode não ser o centro do livro, mas há ainda a revelação, algo charmosa, da paixão do artista pela mulher do embaixador brasileiro nos EUA, também uma artista. Mas não se espere uma biografia de fofocas.

Cosac Naify (11) 3218-1444
www.cosacnaify.com.br